

apresentação

Em Aberto, Brasília, v. 18, n. 73, p. 7-10, jul. 2001.

Vital Didonet

Vice-Presidente da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (Omeq)
para a América do Sul e a América Central.

Dedicar um número do *Em Aberto* para a Creche assinala um avanço ou retrocede a uma conceituação já ultrapassada na educação da infância? A pergunta merece reflexão.

Não significaria um retrocesso diante da visão que se está construindo da educação infantil como um todo, que começa no nascimento e vai até o ingresso no ensino fundamental? Uma insistência no fracionamento dos seis primeiros anos em dois períodos – 0-3 e 4-6 – cuja razão predominante é a existência de diferentes instituições para seu atendimento? É justificável continuar com os modelos de creche e de pré-escola, quando um Centro de Educação Infantil pode dar conta de todo o período sem distinções etárias, de conteúdo ou de métodos? Na perspectiva dessa integralidade, não seria melhor dedicar o número à educação infantil, ou seja, à faixa de 0 a 6 anos?

À primeira vista, a resposta parece que deveria ser "sim". A educação infantil merece mais atenção no conjunto do sistema educacional. A importância dos seis primeiros anos de vida para o desenvolvimento e a aprendizagem ainda é desconhecida por grande parte dos profissionais da educação e subestimada por muitos que formulam políticas educacionais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, considera o período inteiro do nascimento ao ingresso no ensino fundamental como a primeira etapa da educação básica.

No entanto, considerando outros dados da questão, conclui-se que é oportuno e até necessário incidir o foco de análise sobre os três primeiros anos de vida. Apesar da importância desses anos iniciais, revelada pelas mais recentes pesquisas sobre o desenvolvimento da criança, eles estão em nítida desvantagem em relação aos três seguintes. São os menos conhecidos, os maiores excluídos. O subperíodo 4-6 anos recebe melhor acolhimento do sistema de ensino e, dentro desse, o 6º ano, depois o 5º, alcançam cobertura de atendimento bem maior.

O propósito de fazer da educação infantil um bloco único, seqüenciado, do nascimento (ou a partir do 3º ou 4º mês) aos 6 anos, se torna mais factível se aos três primeiros anos for

dada atenção maior do que até hoje. Enquanto o segmento inicial permanecer marginalizado, a educação infantil continuará assediada pela perspectiva e expectativa pré-escolar. A identidade da educação infantil ganha mais força à medida que se integraliza o atendimento de 0 a 6 anos. Por isso, é estratégico voltar a atenção para a creche, neste momento. Paradoxalmente, na atual circunstância, reforçar o segmento etário 0 a 3 na educação e cuidado infantil é reforçar todo o período 0 a 6.

As descobertas mais recentes das ciências que se vêm debruçando sobre a criança, entre as quais a neurobiologia, a psicologia, a psicanálise, apontam para a importância da vida intra-uterina e para os primeiros três anos. O feto, o recém-nascido, o bebê de 1, 2 e 3 anos não é um ser amorfo, passivo ou incapaz, uma *tabula rasa* que aceita qualquer impressão ou registro e se deixa moldar como argila ou massa de modelar. Esse ser iniciante na vida é competente e hábil em muitas coisas. Já tem, inclusive, poder de provocar alterações profundas nos sentimentos, nos pensamentos, nas rotinas das pessoas de sua família. Segundo Françoise Dolto, "Toda criança, homem ou mulher em construção, é, já, sustentáculo espiritual e força viva do grupo familiar e social que dela se encarrega. Esta força, esta esperança de renovação vital, que a criança representa, poderíamos dizer que os adultos recusam e que os convoca, é subversiva".¹ Ela, em si, é radicalmente importante e importante é a interação com o adulto (mãe, pai, irmãos, educadores, diretora, nutricionista, médico, zelador, vigia...), nesses primeiros anos.

Disso se conclui que esse personagem humano e a interação educativa com ele precisam receber mais atenção.

É grande hoje, no Brasil, o número de estudos, análises e boas experiências sobre creche. O *Em Aberto* não poderia sequer dar um panorama desse rico material. Nem é nossa intenção. Ao organizarmos este número, pensamos em trazer à reflexão

dos leitores alguns itens relacionados com a educação nos três primeiros anos de vida que pudessem contribuir para reforçar a disposição de promover a educação e o cuidado da criança pequena. Se esse for o resultado, as concretas crianças brasileiras sairão ganhando e, com elas, a sociedade.

Os textos estão agrupados em três blocos. No "Enfoque", procuro extrair da trajetória histórica da creche alguns desafios e perspectivas de crescimento na direção de uma educação integral da criança e comento as diretrizes, os objetivos e as metas do Plano Nacional de Educação (ainda em discussão no Congresso Nacional) que fixam as tarefas para os sistemas de ensino nos próximos dez anos.

"Pontos de Vista" trata de dois temas: a) criança e educação e b) formação dos profissionais da educação em creche. No primeiro, buscamos aprofundar a reflexão sobre a criança, visando explicitar melhor sua riqueza como pessoa que aprende e se desenvolve e nossa relação com ela.

O texto da Lúcia Helena C. Z. Pulino parte do pressuposto que a tarefa de educar crianças pequenas deve sustentar-se sobre uma reflexão filosófica acerca da infância e do lugar que ela ocupa em nossa visão da vida e sobre o que entendemos por educação de crianças. Lúcia conduz essa reflexão através da literatura e aporta na creche como o lugar do encontro entre mães e pais, funcionários e crianças para além do habitual e conhecido, onde se revela o novo e imprevisível e onde as presenças são originais, distintas e criativas.

Márcia M. Mamede aponta as formulações teóricas sobre o desenvolvimento e a educação da criança e suas implicações para a elaboração de propostas pedagógicas. Aproxima o aporte teórico de sua utilização no cotidiano da creche. Quando os profissionais da educação juntam a teoria e a criança real, alimentando aquela com a vivência cotidiana da criança e olham para esta iluminados pela análise teórica, estão diante de uma fonte de novos conhecimentos sobre a criança e sobre si mesmos. Dessa forma, o texto de Márcia trata da construção de uma pedagogia interativa na creche.

¹Dolto, F. *La cause des enfants*. Paris : Robert Laffont, 1985.

Maria Elena Girade Corrêa e o doutor Laurista Corrêa Filho fazem uma hábil e rica incursão no campo das ciências que estão pesquisando o bebê desde o útero, entregando-nos informações que levam a concluir que esse período da vida é realmente importante e que merece muita atenção de pais e educadores, como também da sociedade e dos poderes públicos. Uma consequência imediata é a definição de um novo perfil do adulto educador.

Um tema nada habitual, mas de enorme relevância na creche, é trazido por Regina Orth de Aragão: a aplicação da psicanálise à educação infantil. Depois de mostrar a conexão entre psicanálise e educação e a utilização do conhecimento psicanalítico na educação da criança, Regina descreve uma situação real em que aquela aplicação se realiza. A creche como lugar onde se dá a experiência da separação, a emergência da linguagem, a criação e recriação da rede de significações e de afetos, como lugar de vida, fundamental no processo de subjetivação da criança, é campo fértil para a ação da psicanálise. E não apenas para o bebê, segundo Regina, mas para todas as pessoas envolvidas nesse processo, uma vez que "ao cuidar da criança, estamos cuidando da criança em nós, dispendo-nos a fazer descobertas, a ser interpelados, contestados e mobilizados em nossas crenças, convicções e certezas".

Perscrutando o sentido da brincadeira (o jogo, o brinquedo, o fazer lúdico) da criança, Elizabeth Tunes e Gabriela Tunes explicitam a importância de manter, na creche, a estrutura do ambiente social de desenvolvimento da criança para assegurar uma formação autêntica. Se temos dado bastante atenção ao brinquedo da criança, não temos analisado nem posto em termos pedagógicos suficientemente claros o papel do adulto na brincadeira da criança. As autoras sugerem que esse seja um dos eixos da proposta pedagógica.

O bloco sobre a formação dos profissionais e auxiliares da creche se compõe de três textos. Stela Maris Lagos Oliveira mostra a necessidade de considerar os valores e crenças do pessoal da creche quando se planeja e realiza sua formação. Ela diz também da importância de que os processos de formação sejam sistemáticos e

contínuos para que uma mudança nesses valores e crenças seja possível. Vera M. R. de Vasconcellos relata uma pesquisa-intervenção, que propõe modalidade de formação continuada dos profissionais de educação infantil com duas características: formação-compromisso nesse campo de conhecimento e investimento pessoal no desenvolvimento próprio e no da criança. O terceiro estudo é de Isabel de Oliveira e Silva, que analisa os processos de construção de identidades das profissionais da creche. Com base em sua experiência em formação de pessoal de creche, Isabel analisa vários aspectos relacionados com a profissionalização das educadoras, mostrando como a construção da identidade educacional da creche está intrinsecamente relacionada com a identidade do profissional como educador.

A terceira parte – “Espaço Aberto” – é um passeio pelas boas experiências em educação na creche: proposta pedagógica, gestão democrática, grupos de interação de crianças de idades diferentes, passagem da creche da área social para a educacional e o significado das interações na creche.

Sônia Guimarães Xavier relata o processo participativo de elaboração da Proposta Pedagógica do Serviço Social da Indústria (Sesi-DF), fundamentada nos dados mais recentes das ciências da educação e na melhor prática de seus professores. Um grupo de profissionais do Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil (Cindi) conta a rica experiência com o agrupamento vertical (interação das crianças de diferentes idades). Lúcia Helena C. Z. Pulino descreve uma experiência consolidada de gestão democrática da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. Júlia Maria Passarinho Chaves, do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (Indi), reflete sobre os relacionamentos dos adultos, pais e educadores, com o bebê e a criança e deles entre si, chamando à atenção de que o efeito da creche sobre o desenvolvimento das crianças é proporcional ao relacionamento que nela se criam e se vivem. A passagem das creches do âmbito da assistência social para a educação nem sempre é tranquila. Conflitos de poder, perda de recursos, redução da jornada de atendimento, preferência pelas crianças de 4 a 6 anos em detrimento das de 1 e 2 anos atendidas

pelas creches da assistência... são alguns dos problemas que se vêm constatando em alguns lugares. Em São José do Rio Preto, a Prefeitura também teve que enfrentar momentos de turbulências, superadas em reuniões e pelo diálogo permanente, como relata a professora Dercilia M. N. Yamaguti. A participação do prefeito e dos Secretários Municipais de Educação e de Bem-Estar Social abriu o caminho para os técnicos procederem à transição.

Para finalizar, transcrevemos os objetivos e metas do Plano Nacional de Educação (PNE) para a educação infantil, que traçam um horizonte de trabalho para uma década. Além de estar em todas as metas dessa etapa de educação, a creche tem alguns objetivos e metas específicos, em razão de algum problema próprio.

Todos esses temas têm sido objeto de interesse dos dirigentes e educadores de creche. Bom proveito!